A DIÁSPORA DOS ANGLICANOS DE TRADIÇÃO

Tradução do artigo da *New Oxford Review* de janeiro de 2003
(com nossos agradecimentos ao tradutor)

- ANGLICANISMO, CATOLICISMO & O SIGNIFICADO DO "RITO ANGLICANO" NA IGREJA CATÓLICA
- O ANGLICANISMO OFICIAL
- "ANGLICANISMO PERMANENTE"
- CATOLICISMO
- O RITO ANGLICANO

ANGLICANISMO, CATOLICISMO & O SIGNIFICADO DO "RITO ANGLICANO" NA IGREJA CATÓLICA

Janeiro de 2003, por William J. Tighe

William J. Tighe é Professor Adjunto de História no Muhlenberg College na Pensilvânia. Este artigo é uma adaptação de suas notas de palestra na Conferência do Rito Anglicano na Igreja Católica Nossa Senhora da Reparação em San Antonio, Texas, em 4 de outubro de 2001, que foi publicado originalmente na edição de 26 de outubro de 2001 da Salve, o boletim da paróquia Católica de Rito Anglicano da Virgem Maria de Arlington, Texas, que autorizou sua utilização. Para conhecer o contexto do Rito Anglicano na Igreja Católica, consulte "Anglican Use' Catholic Parishes" de Charles M. Wilson em nossa edição de novembro de 2001.

Embora historiador de profissão, com especialidade no século 16 inglês, tenho pouca experiência prática do "Rito Anglicano" na Igreja Católica, além da presença ocasional nas Missas da Congregação de São Atanásio na área de Boston. No entanto, tenho interesse pelo Anglicanismo e pela Ortodoxia Oriental desde meus estudos em Georgetown há cerca de 30 anos. Sendo estudante em Yale, abandonei mais ou menos o Catolicismo – de fato, mas não de jure – e vivi como Anglicano por cerca de cinco anos, na América, depois na Inglaterra, antes de "retornar" à Igreja Católica em 1979. Desde então, continuei a ter um grande interesse pelo declínio da ortodoxia histórica nas Igrejas Anglicanas do mundo de língua inglesa e pelas diversas fortunas dos grupos da 'continuidade Anglicana' que se separaram do anglicanismo oficial.

Além disso, tive a sorte de conhecer o agora cônego Eric Macall – um Anglo-Católico britânico muito engajado e erudito, por assim dizer – resultado da repentina decisão da Sexta-feira Santa de

1977 de ir ouvi-lo pregar durante a Oração das Três Horas na Igreja da Transfiguração, em Nova York. Nós trocamos apenas algumas palavras naquela ocasião, mas quando ficou claro que eu deixaria Yale para a Universidade de Cambridge no outono de 1978, escrevi para ele e ele me convidou para tomar chá no Presbitério de Santa Maria, na Bourne Street, onde residia há mais de 25 anos após deixar Christ Church, Oxford, devido ao cargo de Professor de Teologia Histórica no King's College de Londres em 1962. Essa foi a primeira de uma longa série de encontros durante os oito anos que passei na Inglaterra. Durante minhas visitas de verão seguintes a Londres, eu o visitava na casa de repouso de Seaford, na costa de Sussex, onde ele passou os tristes últimos cinco anos e meio de sua vida depois de contrair uma doença debilitante em 1987, da qual nunca se recuperou completamente.

Na Inglaterra, particularmente, minha vida foi marcada por amizades com católicos ortodoxos inteligentes que haviam sido Anglicanos, e que trouxeram à Igreja uma sensibilidade que não se sentia à vontade com as "experimentações" muitas vezes perturbadoras das décadas seguintes ao Vaticano II, incluindo o famoso teólogo dominicano Pe. Aidan Nichols (que se converteu ao catolicismo enquanto era estudante em Christ Church, Oxford) e o Prof. John Saward (Capelão do Lincoln College, Oxford, e depois pároco de Tregony na Cornualha, antes de se converter ao Catolicismo em 1979). Contudo, isso é compreensível, pois sou um forte simpatizante do "Rito Anglicano" e de seu lugar na Igreja Católica. E sou também alguém que acredita que a finalidade, ou *telos*, do Anglicanismo Católico histórico se encontra na Igreja Católica.

Neste ensaio, desejo apresentar algumas reflexões sobre o futuro do Anglicanismo em suas diversas manifestações contemporâneas, o futuro do Catolicismo Romano nos Estados Unidos e em ambientes semelhantes, e o significado do "Rito Anglicano", assim como as razões de sua posição na Igreja Católica.

O ANGLICANISMO OFICIAL

Por "anglicanismo oficial", entendo aquelas igrejas que estão em comunhão com Canterbury, como a Igreja Episcopal dos EUA (ECUSA) e a Igreja Anglicana do Canadá – Igrejas do mundo ocidental de língua inglesa (com a exceção da maioria das igrejas "Anglicanas" oficiais da África e da Ásia, que mais ou menos resistiram ao liberalismo teológico, embora algumas, como a Igreja da Província da África do Sul, tenham sucumbido). Do ponto de vista histórico “Anglo-Católico”, “Tractariano”, ou mais simplesmente “Carolina” ou “alta igreja antiga”, a ortodoxia Anglicana está morta nessas igrejas, ou pelo menos moribunda, sem esperança de cura. A razão pode ser resumida em duas palavras: “ordenação de mulheres”, e tudo o que se seguiu e continuará a seguir. (Outra razão, talvez mais profunda, como Eric Mascall me indicou, encontra-se na Conferência de Lambeth em 1930 e sua aceitação da contracepção, a partir da qual surgiram todo tipo de tolices e revisões em matéria sexual). É claro, sem dúvida, que todas as "Igrejas apostólicas" históricas anteriores à Reforma – a Igreja Ortodoxa, as Igrejas Ortodoxas Orientais, e a Igreja Assíria do Oriente, sem falar da Igreja Católica – rejeitam a ordenação de mulheres como incompatível com a ortodoxia Cristã. Apenas a Igreja Anglicana e os Velhos Católicos Europeus "anglicanizados" afirmam o contrário.

Existem Anglicanos que admiro e respeito, como o Rev. David Moyer do Forward-in-Faith North America, que permanece como uma testemunha da ortodoxia Anglo-Católica dentro da ECUSA, mas acho que posso afirmar com certa segurança que aqueles que lhe são semelhantes permanecem na ECUSA por razões pragmáticas e “pastorais” de curto prazo, sem compromisso real com “a instituição” em si, ou porque não sabem para onde ir. Da mesma maneira, existe a organização inglesa Forward-in-Faith que sempre teve uma atitude mais “entusiástica” em relação “aos poderes e às autoridades” em sua igreja do que seus colegas americanos (e isso em parte à vista dos resultados na América). O essencial dos esforços da organização inglesa F-i-F parece orientado para garantir sua saída da Igreja da Inglaterra sob o aspecto mais ou menos disfarçado de uma “terceira província”, por isso pode-se concluir com certeza que seus membros não veem futuro a longo prazo para o Anglo-Catolicismo na Igreja da Inglaterra. Os contatos que a F-i-F fez nos últimos sete ou oito anos com grupos de “oposição ortodoxa católica” ou pelo menos de “alta igreja” nas igrejas luteranas escandinavas (especialmente na Suécia e na Noruega) parecem claramente, embora tacitamente, afirmar que os próximos 10 a 15 anos verão a descida contínua das igrejas inglesas e escandinavas em direção ao abandono do ensino sexual/ético e uma relativização de sua atitude em relação aos dogmas tradicionais – algumas igrejas escandinavas, como a Igreja Estatal da Dinamarca, onde o clero é legalmente autorizado a "abençoar" as "uniões" homossexuais, parecem já ter chegado a esse estágio, com os suecos logo atrás – e a emergência de grupos de igrejas separadas em todos esses países em associação frouxa com uma "Província Livre" da Igreja da Inglaterra. É claro que algumas das figuras proeminentes desse movimento contemplam a saída última de tudo isso em uma reconciliação com a Santa Sé.

Ao esboçar o que precede, omiti considerar uma questão anterior muito significativa, a saber, o que é "a Ortodoxia Anglicana"? Ao longo do último quarto de século, um bom número de pesquisas históricas conduzidas por historiadores desinteressados (por exemplo, Patrick Collinson, Peter

Lake, Nicholas Tyacke, Anthony Milton), muitas vezes não cristãos, demonstraram de forma conclusiva que a palavra “anglicanismo”, tal como é entendida tradicionalmente tanto pelos Anglo-Católicos quanto pelos Anglicanos comuns – na verdade, por todos, exceto pelos protestantes anglicanos mais radicais – era na essência a invenção intelectual de Richard Hooker durante a década que precedeu sua morte em 1600, em reação à ideia irresistivelmente dominante dos bispos e teólogos ingleses de que sua igreja era uma igreja "Reformada" que tirava sua inspiração teológica dos principais teólogos da Reforma Suíça, Zwinglio, João Calvino e Heinrich Bullinger. Foi após a Restauração de 1660 que a palavra “anglicanismo” (que não foi usada para descrever a religião da Igreja da Inglaterra antes do século 19) começou a emergir como uma distinção consciente entre Roma e o Protestantismo dogmático confessional. “Anglicanismo” – a palavra senão a coisa – é uma invenção do século 17, enquanto de 1559 a 1600 ou mesmo 1620 a Igreja da Inglaterra era mais nitidamente uma igreja "Reformada". Isso significa que a espécie de Anglicanismo firmemente protestante que existiu apenas no século passado nas margens da ECUSA, mas que sustentou a formação da Igreja Episcopal Reformada por volta de 1870, e que constitui a verdadeira razão de ser do Arcebispado Anglicano de Sydney, Austrália, pode verdadeiramente reivindicar os direitos de propriedade da religião da Reforma Inglesa (com a exceção, e insisto, do termo "anglicanismo" usado para designá-la).

Desde pelo menos 1660, “A ortodoxia Anglicana” é um assunto de controvérsia entre duas tendências teológicas dentro da Igreja da Inglaterra e suas igrejas filhas ou irmãs, com a aparição subsequente de uma terceira – a capela “Latitude” ou “igreja ampla” ou “moderada” ou (finalmente) “liberal”, que reivindicou sintetizar, ou ao menos justapor, os melhores aspectos das duas outras, mas que, no último século, constituiu a vanguarda do modernismo na Comunhão Anglicana. Reivindicando o uso das “nuances” do “pensamento contemporâneo” para realizar essa síntese, essa atitude se mostrou quase totalmente incapaz de criticar o Espírito do Tempo, e assim se tornou o vetor do “SIDA teológico” que infectou as igrejas anglicanas que costumavam ser chamadas de Primeiro Mundo. Pode ser que organizações evangélicas moderadamente conservadoras na ECUSA, como o American Anglican Council (AAC) ou a Anglican Mission in America (AMiA), possam atuar para retardar o triunfo final das forças da heterodoxia totalitária dentro da ECUSA, mas até onde isso irá? A teimosia da AAC em querer permanecer a todo custo na ECUSA parece ser sua posição inalterável, enquanto a AMiA aparece, de muitas maneiras, visando uma versão mais conservadora da Igreja Episcopal após 1976. Ambas apoiam a ordenação de mulheres, mesmo que a AMiA tenha decretado temporariamente um moratório sobre a aplicação enquanto aguarda o resultado de um "estudo teológico" de dois anos sobre a questão. Essas organizações merecem ser consideradas com desconfiança por "Anglicanos tradicionais" de toda espécie e por esses amigos católicos tradicionalistas e ortodoxos.

"ANGLICANISMO PERMANENTE"

Minha repugnância em relação ao “anglicanismo oficial” contemporâneo, que me leva a questionar o que as autoridades católicas do Canadá, que continuam a apoiar reuniões como a “Conferência de Mississauga” de maio de 2001 perto de Toronto, que reuniu 30 bispos “Anglicanos oficiais” e 30 bispos católicos para descobrir como as duas comunhões poderiam aproximar seus “caminhos de convergência”, esperam alcançar com tais desperdícios de tempo e dinheiro – abre espaço, no caso dos grupos do "anglicanismo permanente", para o respeito e a admiração. Admiro o amor pela ortodoxia cristã e a convicção de que a verdade é mais importante do que tudo que levaram os “Anglicanos permanentes” a tomar a difícil decisão de ir para o deserto e pagar o preço, muitas vezes deixando queridas e familiares igrejas para prestar seu culto em lugares pouco familiares e muitas vezes incongruentes. (Anglo-Católicos que ainda estão na ECUSA, especialmente clérigos, frequentemente me disseram que a razão principal para permanecer era que se conseguissem deixar a ECUSA com sua “instalação paroquial”, levariam consigo a grande maioria dos membros ativos de sua congregação, enquanto se tivessem que deixar a igreja para trás e presidir – como me disse um deles – "em um ginásio de colegial", talvez atraíssem apenas um quarto ou um terço deles).

No entanto, após duas décadas de “anglicanismo permanente”, é claro que nada pode impedir a fragmentação permanente da qual ele sofre desde sua origem em 1977-79. Em parte, isso parece ser devido a erros cometidos no início dos anos críticos previamente mencionados: a pressa em garantir um episcopado, mesmo às custas de uma irregularidade canônica aparente; a impossibilidade de chegar a um acordo sobre uma estrutura canônica para a Igreja Anglicana na América do Norte, como foi originalmente nomeada antes de se fragmentar; divergências nas posições teológicas e nas atitudes em relação ao exercício da autoridade entre os quatro bispos originalmente consagrados em Denver em 1979; assim como desavenças sobre a posição em relação a grupos religiosos de tradição anglicana cuja origem é anterior à crise da ECUSA sobre a ordenação de mulheres de 1973-74.

A isso podemos acrescentar que a questão de o que constitui a ortodoxia Anglicana surge de forma aguda no “anglicanismo permanente”, e, dado que existem três ou talvez quatro respostas possíveis, as divergências a esse respeito agravam fortemente outros motivos de divisão.

Quais são as possíveis respostas? Primeiramente, há o tipo de ortodoxia agressivamente Protestante Reformada que veria a ascensão do “Anglicanismo” desde os anos 1620 como um retrocesso da pureza da doutrina das reformas Elizabetanas e Edwardianas, assim como poderiam ver o *Book of Common Prayer* de 1662 como um enfraquecimento do Protestantismo claro dos de 1559 e 1552. Essa tendência poderia ser representada hoje como “anglicanismo oficial” pelo Arcebispado de Sydney, e, para além de suas fronteiras, pela Igreja da Inglaterra na África do Sul

(não confundir com a Igreja da Província da África do Sul, o grupo oficial, que em um tempo era uma igreja de alta, mas que se tornou liberal) e pela Igreja Episcopal Reformada da América.

Em seguida, menos univocamente protestantes em suas posições teológicas e desejando mais do que o legado do "anglicanismo histórico", enquanto permanecem univocamente Protestantes e de "baixa igreja" em sua concepção, figuram grupos como a Igreja Anglicana Ortodoxa e a "implosão" da Igreja Episcopal Unida, fundada por Dale Doren, um dos quatro bispos "anglicanos permanentes" consagrados em Denver em 1979.

Há, do outro lado do espectro do “anglicanismo permanente”, grupos de uma composição fortemente Anglo-Católica. Assim, a Província Anglicana do Cristo Rei (APCK), cuja Arquidiocese é liderada por Robert Morse, um dos bispos consagrados em Denver em 1979. Tive o privilégio de conversar com o arcebispo Morse, que me deixou claro que, se o Anglicanismo possuísse uma "base Católica", esta, em sua visão, foi definitivamente handicapada desde suas origens em 1559 pelo “compromisso Elizabetano”, como ele o chamava – uma tentativa de tornar os formulários o mais ambíguos possível, permitindo uma ampla introdução das “Atitudes, crenças e práticas Protestantes”. Ele dizia que era a missão de sua Província repudiar esse compromisso, a fim de produzir um Anglicanismo Católico verdadeiro. Para esse fim, conforme me confidenciou, havia se distanciado das outras “grupos anglicanos permanentes” que considerava ou Protestantes ou comprometidos em perpetuar o "compromisso Elizabetano".

Havia também o Sínodo Anglicano nas Américas, com seu metropolitano, Herbert Groce, que se reivindicava como a Província Americana da Igreja Católica Independente das Filipinas, que também assumiu uma posição de “Catolicismo Ocidental”. Mas, no início de 2002, todos os bispos desse grupo, exceto um, anunciaram a fusão entre sua “jurisdição” e um grupo “Anglicano permanente” menos Anglo-Católico, deixando o último bispo e sua pequena quantidade de clérigos (que cabiam nos dedos de uma mão) isolados em Delaware e na costa leste de Maryland. A APCK não parece ter uma devoção particular à Reforma ou algum problema fundamental com a papalidade em si mesma; no entanto, a maioria de seus líderes poderia rejeitar *Apostolicae Curae* do Papa Leão XIII (que declarou os ordens Anglicanos como inválidos) ou interpelar a papalidade sobre sua recusa histórica de aceitar a natureza “Católica” da Igreja da Inglaterra e de suas igrejas irmãs.

A Igreja Anglicana Católica (ACC), ao contrário, pelo menos após a perda de metade de seus participantes em 1991 com a fusão entre os apoiadores do Arcebispo Louis Falk com a Igreja Episcopal Americana de Anthony Clavier e antes de seu cisma em 1997, aspirava a uma espécie de “Ortodoxia Ocidental”, vendo o Anglicanismo como um redirecionamento, pelo menos em parte, dessa Ortodoxia comum do primeiro milênio que foi, no Ocidente, obscurecida pela ascensão do "papalismo" a partir do século 11. No entanto, dizem que a ACC minimizou a natureza normativa dessa visão “pro-orientalista” desde 1997, embora eu ignore se isso é verdade. O grupo minoritário após o cisma de 1997, a Santa Igreja Católica de Rito Anglicano, não mantém a normatividade da teologia Ortodoxa para uma verdadeira compreensão da catolicidade, mas sustenta que a tradição litúrgica e o gênio espiritual Anglicano podem representá-la adequadamente em um modo Ocidental. Porém, em 1999, esse grupo também se dividiu com a aparição da Santa Igreja Católica de Rito Ocidental, que, considerando o Anglicanismo histórico como uma tentativa de resolver os “problemas Ocidentais” em princípios Ocidentais e, em última análise, simplesmente somando os

problemas, deixou de se considerar "Anglicana", utilizando uma liturgia no estilo do *Book of Common Prayer*, com um Cânon Romano "Gregoriano" (como eles o definem) utilizado exclusivamente.

Fortemente Protestante de um lado e fortemente “Católica” do outro (Ocidental ou Oriental), existem outras possibilidades? Não se esperaria encontrar o liberalismo que triunfa na ECUSA nesses meios de “anglicanos permanentes”, e eu não encontrei nenhum (a menos que consideremos a AMiA como “liberal” devido à sua posição ambígua sobre a ordenação de mulheres), mas pode haver grupos que apresentem algumas características aparentes de “igreja ampla”, que poderiam ser caracterizados como desejando retornar a uma versão da Igreja Episcopal tal como acreditam que teria sido "antes da Queda", talvez por volta de 1950 ou um pouco antes, digamos em 1928. A Igreja Anglicana na América do Arcebispo Louis Falk parece se aproximar disso, pelo menos em alguns dioceses, embora seu clero seja majoritariamente Anglo-Católico em suas visões. A Província Anglicana de Walter Grundorf poderia se aproximar ainda mais, com sua atitude permissiva em relação ao divórcio e ao "novos casamentos" entre clérigos e leigos.

Sem dúvida, existem outros grupos que ignoro cujas atitudes teológicas pertencem a um ou outro dos paradigmas que esbocei acima.

E para completar o quadro, há aqueles que tentaram perpetuar certos aspectos de seu patrimônio Anglicano em outros contextos: os Católicos de Rito Anglicano da “Reserva Pastoral” (veja mais adiante), mas também as paróquias encontradas em várias jurisdições Ortodoxas, e algumas congregações da “Igreja Católica Nacional Polonesa” cujos membros e clérigos são (ou eram) da tradição Episcopal.

Assim como ocorre com o “Rito Ortodoxo Ocidental”, a legitimidade real de tal conceito é fortemente questionada por algumas igrejas e teólogos Ortodoxos, particularmente de ascendência grega, na medida em que, no mundo contemporâneo, a tradição bizantina do culto, das orações e da disciplina é um dos sinais de reconhecimento da Ortodoxia, que se protege dos riscos de diluição da identidade Ortodoxa, ou do que a implementação do "Rito Ocidental" Ortodoxo possa se aproximar do tipo de Rito Oriental "Uniate" do Catolicismo, ao qual os Ortodoxos se opõem tão fortemente.

Ademais, entre os Ortodoxos que aceitam a legitimidade da Ortodoxia de "Rito Ocidental", a maioria estipula que os únicos ritos “Ocidentais” seriam aqueles anteriores ao cisma entre Oriente e Ocidente, como o Rito Romano – com a supressão do que é visto pelos Ortodoxos como adições heterodoxas posteriores, como o *filioque* do Credo e talvez adições como uma epiclese explícita para alinhar esses ritos com o ensino Ortodoxo. Muitos também insistiriam na ressurreição ou recriação de ritos extintos, como o “Rito Galicano” Francês de antes do século IX – uma tarefa empreendida desde 1940 por uma pequena Igreja Ortodoxa Francesa que foi acusada de tendências gnósticas e que, repetidamente, foi admitida em, e depois excluída da comunhão de uma ou outra das igrejas Ortodoxas históricas – que não deve ser encorajada a nenhum custo. A maioria das paróquias Ortodoxas de “Rito Ocidental” de contexto Anglicano utiliza uma versão do Missal Romano traduzido para o Inglês “Cranmeriano” para seu culto.

De forma semelhante à Igreja Católica Nacional Polonesa (PNCC), a experiência conduzida de 1976 a 1985 com o clero e as paróquias ex-episcopalianas revelou-se insatisfatória para ambos os lados. Ficou claro, por um lado, que muitos dos ex-episcopalianos desejavam mais autonomia paroquial e a continuidade de sua existência anterior como episcopalianos, o que a PNCC não estava disposta a conceder – sem falar nas ambições episcopais, satisfeitas em outros lugares, de certos clérigos – e, por outro lado, que algumas correntes de opinião fortes dentro da PNCC desejavam que essas paróquias adotassem a liturgia e o gênio da PNCC após um curto período de transição. No PNCC, resta apenas uma única paróquia de origem episcopaliano em Denver, Colorado.

Para concluir, acredito que a dificuldade da questão da natureza da “ortodoxia Anglicana”, e o fato de que respostas contraditórias, embora plausíveis, possam ser dadas, significa que os grupos “anglicanos permanentes” vão, ou continuar a se fragmentar ou pelo menos se direcionar a outro grupo em acordo com suas diferentes respostas à questão – ou, se isso não ocorrer, será apenas por razões pragmáticas, como demonstram alguns dos "concordados" singulares entre grupos bastante improváveis de "anglicanos permanentes". Alguns desses grupos podem prosperar, outros podem desaparecer, e é bem possível que no final o verdadeiro conceito de "anglicanismo permanente" se esvazie de seu sentido na prática, dada a grande diversidade existente.

CATOLICISMO

Não penso que o estado de divisão da Igreja Católica em países como os EUA, o Canadá e em outros lugares – para não falar apenas dos países de língua inglesa – possa continuar indefinidamente. Um cisma certamente ocorrerá, ou pelo menos uma grande defeção por parte dos católicos. A Igreja Católica dos EUA funciona dentro de uma gama tão ampla de dioceses quanto se possa imaginar, desde o cardeal Mahony em Los Angeles até o arcebispo Chaput de Denver e o bispo Bruskewitz de Lincoln, e todas as nuances entre esses extremos (o Canadá, por sua vez, ainda é dominado por bispos liberais, sendo os piores os "francófonos"). Esses católicos de Rito Anglicano não precisam que eu os informe sobre as diferenças de temperamento episcopal na Igreja Católica; basta que eu pronuncie as palavras “Las Vegas” (onde uma paróquia de Rito Anglicano foi extinta nos últimos anos) ou “Los Angeles” (onde as autoridades arquidiocesanas negaram a entrada na Igreja Católica a uma paróquia anteriormente episcopal).

Até recentemente, os bispos americanas geralmente governaram uma casa orgulhosa e rebelde, e foram muitas vezes cúmplices desse espírito orgulhoso e rebelde. Nos últimos 35 anos, os bispos americanos solicitaram a Roma a autorização para novidades como a Comunhão na mão, meninas servindo na missa, uma linguagem “inclusiva” para o culto, e quando, em todos os casos, exceto o último, Roma respondeu negativamente, eles se recusaram a aceitar a resposta, não tentaram suprimir essas práticas, reiteraram seus pedidos inúmeras vezes, até que Roma – infelizmente – cedeu ao ponto. Muitos bispos permitiram, ou pelo menos nada fizeram para desencorajar, a renovação – diria eu a "massacrovation"? – de muitas igrejas sob o pretexto falacioso de que a "lei da Igreja" ou as "normas do Vaticano II" o exigiam. Os bispos deixaram muitas universidades “católicas” se tornarem cidadelas da dissidência, sem fazerem muito a respeito, e ignoraram as diretrizes de Roma sobre a governança das universidades católicas (de acordo com *Corde Ecclesiae*) a tal ponto que implicitamente concederam o "direito à dissidência" até mesmo àqueles que deveriam ser professores de teologia nas instituições católicas. No que diz respeito à “linguagem inclusiva”, Roma parece ter decidido não fazer concessões, e no recente documento *Liturgiam Authenticam*, sobre os princípios de tradução litúrgica do latim para o vernáculo, Roma parece ter lançado uma verdadeira "Contra-Reforma", contradizendo os princípios segundo os quais todas as traduções em inglês de mais de 30 anos estavam fundamentadas e insistindo em um "plano de ação" para remediar as falhas das traduções em vigor. Felizmente, a ordenação de mulheres ao sacerdócio foi infalivelmente proscrita pela Santa Sé, e parece que uma condenação semelhante para a ordenação ao diaconato está em andamento.

A razão pela qual a reação ao *Liturgiam Authenticam* foi relativamente abafada (embora tenha havido explosões de raiva entre os “suspeitos habituais”) deve-se à esperança dos opositores à política papal de que estamos no fim do atual pontificado e que, após João Paulo II, teríamos, senão um “papa liberal”, pelo menos um papa que não tentaria dizer aos católicos americanos como fazer sua igreja funcionar.

Mas e se tivéssemos outro papa no mesmo molde, ou simplesmente com a ortodoxia do atual Santo Padre? Bispos mais romanos, *Liturgiam Authenticam* aplicado, e nenhuma concessão feita às demandas da "Amchurch" e de sua nomenclatura burocrática? Isso não levaria um ou outro desses liberais de toda espécie à ira, ao desafio e à insubordinação? Isso não provocaria, em retorno, medidas disciplinares, destituições e, posteriormente, excomunhões? Eu aconselho aqueles que desejam desenvolver a questão do cisma a ler o interessante cenário esboçado por Lee Penn, ele mesmo um ex-episcopal que se tornou católico, em um artigo da edição de dezembro da NEW OXFORD REVIEW, "O Grande Realinhamento de 2004-2012." Se um cisma formal na Igreja Católica da América fosse adiado por, digamos, a eleição de um papa fraco e indeciso ou pela prolongação da incapacidade do atual Santo Padre, as contendas simplesmente continuariam a se agravar.

Para esses católicos de rito anglicano, no entanto, *Liturgiam Authenticam* oferece a possibilidade de liderar um renovação litúrgica autenticamente católica. Circunstâncias difíceis provocaram atrasos prejudiciais à publicação do Livro do Culto Divino do rito anglicano oficial ("característica" em sentido litúrgico), mas dado que porções do Rito II (a versão "inglesa contemporânea" de seu rito de missa) e até mesmo do Rito I das Orações da Ofertório (a versão "inglês clássico"), extraídas tal quais do Missal Romano de 1970, estão disponíveis apenas em inglês contemporâneo discordante com o resíduo desse rito e estão em evidente contradição com os requisitos de *Liturgiam Authenticam*, sua revisão à luz desse recente documento faria da missa católica de rito anglicano um culto católico exemplar neste país. Uma conclusão rápida desse trabalho seria uma contribuição notável à vida da Igreja Católica como um todo no mundo de língua inglesa.

O RITO ANGLICANO

Por que um Rito Anglicano na Igreja Católica? É uma questão que requer alguma reflexão, se a posição tradicional da Igreja Católica – que a Igreja da Inglaterra é uma entidade Protestante Reformada em suas origens e em sua natureza profunda, embora com uma tendência catolicizante desde seus primórdios – for levada ao pé da letra no que se refere ao status do Anglicanismo, como eu acredito. (Não proponho aqui resolver o problema das ordenações anglicanas nem a fascinante questão do efeito possível da participação de bispos Velhos Católicos nas consagrações episcopais anglicanas desde 1932 – salvo para notar que essa infusão de Velhos Católicos sustentou a decisão da Santa Sé de permitir a ordenação sob condição de Graham Leonard em 1994, ex-bispo de Londres na Igreja da Inglaterra). Não se pode esperar que os católicos ortodoxos nutram projetos para um “Rito Batista”, um “Rito Presbiteriano” ou mesmo um “Rito Luterano”, apesar da existência entre os luteranos de aqueles que se qualificam como "católicos evangélicos", então, por que haveria um Rito Anglicano? Acredito que a razão se encontra em algum lugar nessas linhas.

No momento da Reforma, a maioria das entidades protestantes produziu crenças que, em pontos-chave, divergiam e rejeitavam os ensinamentos da Igreja Católica sobre diversos assuntos, e, ao mesmo tempo, alterava a fé, a estrutura ministerial e a economia sacramental de seus grupos, resultando em algo incompatível com o Catolicismo. A maioria das entidades protestantes rejeitou completamente a Ordem Episcopal, por exemplo, ou, quando o título de "bispo" era mantido, ele correspondia a uma função puramente administrativa. (Mesmo no caso da Igreja da Suécia, a única entidade luterana que afirma ter preservado a sucessão apostólica durante o período da Reforma, as declarações confessionais dessa igreja, seus rituais de ordenação e a natureza das relações passadas ou presentes com outras igrejas mostram claramente que isso não tem grande significado e que os bispos não são de forma alguma necessários para uma "verdadeira igreja"). As entidades protestantes, mesmo que pudessem ser “alta igreja” em alguns aspectos, em última análise, se forem fiéis às suas convicções históricas, apelam para práticas e crenças da Igreja dos Pais na medida em que sejam compatíveis com seus documentos confessionais clássicos da Reforma. A Igreja da Inglaterra, em contraste, manteve uma ambiguidade estudada sobre, por exemplo, a atitude e a necessidade dos bispos ao longo da época da Reforma, e sua única declaração de doutrina, os Trinta e Nove Artigos, embora claramente protestante em certos aspectos, evitava completamente outros pontos e deixava “lacunas” que poderiam permitir interpretações mais ou menos "católicas", embora muitas vezes com dificuldade e de forma pouco crédula.

Além disso, desde os primórdios do reinado de Elizabeth I, muitos protestantes da Igreja da Inglaterra, irritados com o que consideravam a falta de clareza de seu Protestantismo e a tolerância em relação às visões católicas, começaram a responsabilizar os bispos e sustentaram, consequentemente, que os bispos deveriam ser abolidos. Os protestantes que desejavam proteger os bispos logo começaram a recorrer à prática da Igreja dos primeiros cinco séculos e ao ensino dos Pais da Igreja para defender sua legitimidade, e muito em breve essas pessoas e aquelas que

as seguiam passaram a ver a Igreja dos primeiros tempos e seus Pais como possuindo uma autoridade muito maior do que os calvinistas e luteranos queriam conceder. Assim começou o "apelo anglicano à Tradição", como Eric Mascall me sugeriu. Enquanto os luteranos e outros protestantes apelam para sua própria tradição, a tradição luterana, por exemplo, e apenas cautelosamente para a Tradição com um “T” maiúsculo, o “apelo anglicano à Tradição” não é um “apelo à Tradição Anglicana”, mas à daquela dos primeiros tempos da Igreja. Agora, dado, por um lado, o caráter sumário das fórmulas doutrinárias anglicanas, como os Trinta e Nove Artigos, e, por outro lado, a tendência de teólogos anglicanos, pelo menos alguns deles, de apelar para o ensino da Igreja dos Pais, não levou muito tempo para que alguns desses teólogos começassem a criticar ou questionar certos aspectos do pensamento protestante ou, por dizer que se uma parte ou a maioria dos protagonistas da Reforma Inglesa (como o Arcebispo Cranmer) eram claramente protestantes, suas próprias "opiniões" não coincidiam com as doutrinas da Igreja da Inglaterra. Em outras palavras, tornou-se possível para pensadores anglicanos rejeitar muitos aspectos do pensamento protestante comum com base no que a Igreja dos Pais pensava e praticava, sem se considerarem “maus anglicanos” ou “católicos romanos disfarçados”, enquanto permaneciam semelhantes a outros protestantes e a muitos outros anglicanos também. Assim, tornou-se possível sustentar que a Igreja da Inglaterra possuía o melhor dos dois mundos, alinhando-se aos protestantes em sua crítica à papado e a algumas outras crenças católicas, afirmando ao mesmo tempo que apenas os anglicanos conservaram uma compreensão adequada da estrutura da Igreja, que era mais próxima daquela dos católicos e dos ortodoxos.

Com os Tractarianos do século XIX e a ascensão do Anglo-Catolicismo, tornou-se possível para alguns anglicanos acreditar que o Protestantismo estava errado na maioria ou até mesmo na totalidade dos aspectos, e que os anglicanos rejeitavam ou deveriam rejeitar as crenças protestantes que viam as igrejas anglicanas como “igrejas católicas” semelhantes às igrejas católicas e ortodoxas, diferindo apenas em questões menores – e tornou-se possível para os anglicanos que seguirem este caminho viver vidas religiosas baseadas em um sentimento católico da cristandade, da Igreja e dos sacramentos (evidentemente, nem sempre de forma fácil). A questão não é saber se sua visão sobre a Reforma Inglesa ou a história anglicana estava correta, mas que eles eram capazes de acreditar nisso e de escapar, na maior parte, desde cerca de 1850, para moldar sua vida religiosa, seu culto e suas orações baseando-se na certeza de serem católicos, não protestantes, e que se a Igreja Anglicana deixasse de ser compatível com sua fé católica, ou mostrasse um rejeição à ortodoxia católica, eles não deveriam nenhuma lealdade a ela e estariam, de fato, obrigados a deixá-la.

Embora a Igreja Católica e os católicos em geral tenham demonstrado um desprezo desdenhoso pelas reivindicações sobre a natureza “essencialmente católica” do anglicanismo desde as origens do Anglo-Catolicismo por volta de 1840 (descrevendo frequentemente os anglo-católicos como “protestantes adornados”), os mais razoáveis entre eles frequentemente reconheceram que, em termos de crenças professadas e práticas, muitos, senão a maioria dos anglo-católicos, viviam de acordo com o que a Igreja Católica pensava e acreditava, a tal ponto que com os primeiros sinais de abertura do catolicismo ao ecumenismo após a Segunda Guerra Mundial, muitos católicos mostraram ao menos um certo grau de boa vontade para revisar sua atitude em relação ao anglicanismo, apenas para ver seus suspeitos sobre o "anglo-catolicismo" confirmados pelo que ocorreu na Igreja Episcopal, na Igreja da Inglaterra e em outros lugares a partir de 1970, como pela consciência de que havia tendências do pensamento anglicano que não eram de forma alguma

mais evidentemente "católicas" do que, digamos, o pensamento luterano ou metodista. Mas, ao lado disso, felizmente, a Igreja Católica foi capaz de reconhecer no anglo-catolicismo uma versão do anglicanismo que possuía uma autenticidade católica, mesmo que as igrejas anglicanas em si não pudessem ser reconhecidas como "católicas". Assim, o caminho estava aberto para que a Igreja Católica reconhecesse que não faltava muito à “forma católica” do anglo-catolicismo, e que se os anglicanos católicos estivessem preparados para entrar na Igreja Católica, confessar sua fé e aceitar sua autoridade, seria perfeitamente possível para ela aceitar uma expressão do catolicismo com um espírito anglicano, o Rito Anglicano.

Em razão das circunstâncias singulares da Reforma Inglesa, a Igreja da Inglaterra nunca foi capaz de se definir claramente e de forma inequívoca como protestante, e fez, em seguida, seu possível para adotar atitudes, crenças e práticas que se enraizavam em um solo hostil desde o início, e por vezes até mesmo prosperar, ou ao menos aparentar isso, mesmo que a aparência do Anglicanismo Católico frequentemente ocultasse uma abordagem mista, um pouco de incenso aqui, um pouco de controle de natalidade ali, uma bênção aqui, um divórcio e um "novo casamento" acolá, uma Missa Solene aqui, mas celebrada por uma sacerdotisa ali. Contudo, uma piedade e uma teologia nutridas pelo Movimento de Oxford e seus aderentes e “justificadas” pela reivindicação de uma origem que remontava a Lancelot Andrewes, William Laud, Jeremy Taylor, Thomas Ken e os Não Juradores, tomaram realmente uma forma e um conteúdo católicos concretos na vida da fé, e foram finalmente reconhecidas como tal, ao mesmo tempo que foram complementadas e realizadas por sua aceitação pela Igreja Católica e pela posição que encontraram em seu interior. *Passer invenit sibi domum, et turtur nidum, ubi ponat pullos suos: Altaria tua, Domine virtutum, Rex meus et Deus meus* - (Salmo 84:3).

Assim, as paróquias de Rito Anglicano estão posicionadas hoje na Igreja Católica da América de tal maneira que têm muito a oferecer dentro e fora da Igreja Católica e dentro e fora da Tradição Anglicana. Aos católicos, oferecem a realidade de uma liturgia em língua inglesa que é respeitosa e sagrada na tradição ocidental, uma realidade que é tanto obrigatoriamente católica em si mesma quanto oferece esperança e fornece um meio de reforma e renovação em meio a uma vasta bagunça litúrgica.

Considere as palavras severas que o Cardeal Newman escreveu em 1850 durante suas Dificuldades Anglicanas sobre a Igreja da Inglaterra, em relação ao que ele chamava de a ilusão romântica de sua natureza católica por parte dos anglo-católicos:

> “Assim como nos contos de fadas, o castelo mágico desaparece quando o encantamento é quebrado, e não se vê nada além da charneca selvagem, da rocha nua e do pasto abandonado, assim é conosco em relação à Igreja da Inglaterra, quando consideramos com espanto nossas crenças tão quiméricas, que encontramos tão banais ou sem valor”.

Isso pode ser demonstrado plenamente hoje se substituirmos “Igreja da Inglaterra” por “liturgia católica americana renovada”. O Rito Anglicano pode desempenhar seu papel ao encorajar uma “reforma da reforma”. A esse respeito, também, esses clérigos, e especialmente os bispos que

incentivam o desenvolvimento de comunidades de Rito Anglicano, e aqueles que se opõem a isso, revelam assim onde se posicionam, naquilo que Dom George Kelly qualificou de "batalha pela alma da Igreja Católica" na América. Para os estrangeiros impressionados pelo contraste aparente dentro do catolicismo, cujas reivindicações foram objeto de suas pesquisas e o que podem ter experimentado ao assistirem a missas sombrias ou durante conversas com clérigos complacentes, as paróquias de Rito Anglicano oferecem o testemunho de que não é necessário que assim seja. E se um cisma ameaça o catolicismo americano, as paróquias de Rito Anglicano podem desempenhar um papel inestimável ao testemunhar uma ortodoxia católica explícita e atraente.

Para os anglicanos, paróquias de Rito Anglicano robustas oferecem uma apropriação do melhor do patrimônio católico do anglicanismo, livre do que não é católico, assim como dessas disputas intermináveis e insolúveis sobre o que constitui a “ortodoxia anglicana”. Em sua maioria, no “anglicanismo oficial”, a ortodoxia anglicana, se é que existe, foi ou está se transformando em uma espécie de jogo de palavras dialético que justifica seguir cada vez mais os costumes e práticas da religiosidade liberal e do culto da realização pessoal, enquanto no “anglicanismo permanente” a questão sobre o que é a ortodoxia anglicana constitui a causa primária e eterna da divisão entre as diferentes jurisdições. É apenas no catolicismo de Rito Anglicano – e, para ser justo, em uma versão da “Ortodoxia de Rito Ocidental”, se ela vier e prosperar, o que parece pouco provável – que todo esse bom, verdadeiro e católico anglicanismo pode ser preservado em um contexto que transcende essas disputas.